



**Sistematizar e comunicar a agroecologia como ferramenta de luta popular.**  
*Systematize and communicate an agroecology as a tool of popular struggle.*

PEREIRA<sup>1</sup>, Carlos Eduardo de Souza; CAMPELO<sup>1</sup>, Felipe Otavio; SANTOS<sup>1</sup>,  
Valdete Oliveira; GIVIGI<sup>2</sup>, Ana Cristina Nascimento; COSTA<sup>3</sup>, Gustavo dos Santos

<sup>1</sup> Educador(a) e Coordenação - Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto  
(EPAEAB) – Prado (BA), carlos.carloseduardo@gmail.com; campelo.felipe@hotmail.com;  
valdeteagro@outlook.com; <sup>2</sup> Docente do Mestrado Profissional de Educação do Campo -

Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) – Amargosa (BA), kikigivigi@ufrb.edu.br; <sup>3</sup>  
Participante da Formação de Comunicação Popular – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem  
Terra (MST) – Santa Cruz de Cabrália (BA), costasg63@gmail.com

**Eixo temático: Comunicação e Agroecologia**

**Resumo:** Este relato apresenta a proposta de formação em comunicação popular que acontece na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (EPAEAB) dando destaque para as oficinas de audiovisual realizadas em janeiro. O objetivo da proposta é contribuir para a massificação das práticas agroecológicas, a partir da sistematização do conhecimento popular e científico. Assim, a Escola Popular se propõe à formação de jovens dos assentamentos da Reforma Agrária do Extremo Sul da Bahia em comunicadores populares. Desde 2008 o Brasil se tornou o maior consumidor de agrotóxicos<sup>1</sup> do mundo e, em contrapartida, a Agroecologia se constitui como uma ferramenta de luta da classe trabalhadora. A comunicação contribui com essa ferramenta, possibilitando em suas diferentes formas a troca de experiências, a criação de laços entre camponesas/es e reforça o diálogo entre o saber técnico-científico e o saber popular.

**Palavras-Chave:** Comunicação Popular; Luta Popular; Juventude Camponesa; Audiovisual.

**Keywords:** Popular Communication; Popular Fight; Youth Peasant; Audio-visual.

**Contexto**

A Agroecologia tem sido um elemento de enfrentamento das camponesas e camponeses ao modelo capitalista. Por meio dela, se procura a afirmação de um novo paradigma sobre o olhar e práticas sociais e políticas de relação com a nossa casa, a terra. O termo agroecologia existe desde a década de 1930, como nos apresenta Gliessman (2000) com enfoque ecológico à agricultura, na aplicação prática de princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenhos de agroecossistemas mais sustentáveis. A partir da década de 1980, importantes estudiosos têm prestado imensa contribuição na construção coletiva da Agroecologia nos seus diferentes campos do conhecimento, entendendo a perspectiva de apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencional para um desenvolvimento rural e de agricultura mais sustentáveis (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

E isso implica em mudanças estruturais, destacando a reforma agrária e acesso aos meios de produção. Entende-se que a construção de agriculturas mais sustentáveis

<sup>1</sup> Materia de Bruno Pavam, Brasil de Fato <https://www.brasildefato.com.br/node/27795/>



necessita que em todas as suas dimensões ecológicas, econômicas, sociais, políticas, culturais e éticas sejam alinhadas a sustentabilidade. Implicando diretamente com metodologias participativas, garantias de acesso aos direitos básicos de cidadania, políticas públicas, respeito às diferenças culturais, de gênero, sexualidade e de raça/etnia. Considerando os diferentes valores e visões de mundo dos sujeitos sociais e suas relações com a natureza. Fazendo que uma nova perspectiva econômica seja criada, não privilegiando apenas sua produção e produtividade, centrada no agronegócio e na industrialização à base de uma agricultura química, mecânica e dos monocultivos mas a produtividade total dos sistemas e pessoas envolvidas (CAPORAL, 2008).

Deste modo, a agroecologia ultrapassa a visão unidimensional dos agroecossistemas e inclui dimensões culturais, sociais e ecológicas (ALTIERI, 2004). Por isso mesmo, para uma proposta agroecológica é essencial que os saberes e conhecimentos de camponeses sejam utilizados para produção de tecnologias e de interações com o solo e a terra, ou seja, que haja modos de partilhar e construir relações culturais entre seres que vivem da terra.

A comunicação então trata-se de uma ferramenta nesta luta e nesta mudança de paradigma, com a função de aproximar os lutadores e lutadoras da terra, possibilitar a troca de experiências, vivências, desafios e perspectivas, além de ajudar na simbologia e produção de códigos culturais para que a agroecologia se constitua cada vez mais como uma ferramenta de luta da classe trabalhadora.

A proposta de comunicação desenvolvida entrelaça criticamente o conhecimento popular e científico, relacionando-os a partir do resgate dos conhecimentos seculares e tradicionais dos camponeses e o acesso a novos conhecimentos. Neste sentido, a comunicação promove a potencialização de encontro dos diferentes saberes. A relação da comunicação com as lutas populares está próxima da educação popular, Paulo Freire (1971) nos indica que a relação humana é de comunicação e que se dá através de signos linguísticos, que busca a significação dos significados.

Esta etapa da formação em comunicação popular tem o objetivo de que novos sujeitos possam produzir materiais de audiovisual que contribuam na massificação das práticas agroecológicas e fortaleçam o conhecimento popular. O audiovisual pela sua capacidade de atingir muitas pessoas em locais diferentes e impactar com as imagens e voz das camponesas e camponeses promove o lugar que se está construindo a agroecologia através de pesquisa, diálogo e lutas, bem como insere novos códigos culturais às vivências campesinas.

Nesse relato daremos ênfase na formação que aconteceu no período de 14 a 25 de janeiro de 2019. Toda atividade aconteceu na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, localizada no Assentamento Jaci Rocha, município de Prado-BA, dentro desse território que o agronegócio tem se expandido.



## Descrição da Experiência

O processo formativo de comunicação na Escola Popular se dá desde 2013 com oficinas para a juventude dos assentamentos de reforma agrária da região. As primeiras atividades aconteceram em torno da campanha permanente Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero. A campanha teve como estratégia de comunicação dialogar com todas e todos, das comunidades rurais aos bairros de periferias dos municípios da região. Nesse período foi criado um coletivo de comunicação para atender as demandas, os processos de formações tinham como foco quatro elementos; Território, Território e Comunicação, Comunicação e Diagnóstico, e Produto, este último servindo como material de distribuição e como ferramenta comunicacional. O jornal “A Farinhada” era utilizado para comunicar histórias e saberes dos assentamentos. Outro produto foi a Maleta de Vídeos, organizada em sete temáticas; Agroecologia, Agrofloresta, Cultura, Educação, Questão Agrária, Gênero e Realidade Brasileira, para ser utilizada como ferramenta audiovisual pedagógica em processos de formação nas escolas, assembleias, associações (LEON, 2016). Nesse processo formativo se constrói a comunicação popular, entendendo como ações que possibilite o envolvimento dos sujeitos e leve em conta seus vínculos históricos, culturais, políticos e econômicos.

Nas oficinas que aconteceram entre os dias 14 e 25 de janeiro, foram indicadas/os quatro (04) jovens que moram em acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária, de cidades diferentes da região, sendo Santa Cruz de Cabralia, Eunápolis, Itabela e Itamaraju, duas (02) mulheres e dois (02) homens, com idades entre 16 e 19 anos. Foram desenvolvidos quatro eixos da comunicação, na teoria e prática, sendo eles arte digital/*design gráfico*, fotografia, redes sociais/texto e o audiovisual, cuja análise está na centralidade deste relato. Nos perguntamos sobre a contribuição deste instrumento de comunicação para a massificação das práticas agroecológicas, uma vez que a disputa de projetos também se faz por meio das mudanças simbólicas e representativas.

Logo no primeiro dia de formação cada participante escreveu uma carta se apresentando e relatando a afinidade que tinha com a comunicação. Kaline, 17 Brigada Olga Benário, Prado, Coletivo de Juventude e Comunicação, expõe que sua “Vivência e relação com a comunicação se deu a partir do momento em que me inseri no MST, comecei a contribuir efetivamente nas atividades do movimento e de maneira atuante, dentro dos setores. Compreendo a importância da comunicação, percebo que preciso aprender, conhecer e desenvolver diferentes formas de comunicar que até então não tinha muita prática, entre elas: design gráfico, audiovisual, etc.”.

No total foram realizadas 04 (quatro) oficinas com a temática do audiovisual, divididas em três etapas, sendo a **primeira etapa** utilizada para discutir alguns conceitos da produção audiovisual, como enquadramento, luz, composição, som, etc. e para dialogar sobre a experiência de cada um com os equipamentos de câmera e gravador. As oficinas iniciavam com análises fílmicas de diferentes



formatos de curta metragens. A análise fílmica não é apenas para se ver mais ou melhor o que tem se produzido, mas para contribuir no aprendizado de se fazer cinema (PENAFRIA, 2009). Assim, possibilitam aos participantes entender os filmes como resultado de um conjunto de relações dentro do seu contexto social, cultural, político, económico, estético e tecnológico.

Numa das análises fílmicas foi apresentado o curta-metragem “O Preconceito Cega”, publicado em 2012 no site *youtube*, com mais de 709 mil visualizações, e Evton, 19, Brigada Chê Guevara, Coletivo de Juventude e Comunicação afirma que “esses momentos de analisar os vídeos é muito importante para entender melhor o que aquele material está dizendo, esse vídeo (o preconceito cega) traz vários debates, podemos fazer um retorno nas nossas origens para trazer a discussão dos preconceitos, das opressões, no vídeo fica claro que temos muita coisa pra superar e a luta antirracista caminha junto com a luta pela reforma agrária popular”.

A **segunda etapa** foi a prática em campo. Para isso foi elaborado um plano de trabalho que continha os roteiros criados coletivamente para cada vídeo e as divisões de tarefas para que todos e todas participassem do processo, sendo dividida em produção, câmera, som e montagem. Ana Heloyza, 16, Brigada Elias Meura, Coletivo de Juventude, expõe que “as atividades práticas nos ajudam a entender como mexer nas máquinas, mas é importante a gente aprender a usar o celular, os aplicativos, que é a ferramenta que temos disponível”. Com isso, foram usados celulares para captar áudio e vídeo e uma câmera canon T5. As entrevistas aconteceram com as trabalhadoras e trabalhadores das unidades de bovinocultura, avicultura, horta e viveiro da Escola Popular, foram realizadas perguntas sobre produção agroecológica, manejo, práticas desenvolvidas e acompanhamento da rotina de trabalho.

A edição e finalização dos materiais coletados foram realizadas na **terceira etapa**, a partir de programas de edição de vídeos. Criamos alguns vídeos das unidades produtivas (animal e vegetal), com duração de até 01 minuto e 30 segundos. As experiências são narradas pelas próprias trabalhadoras e trabalhadores, reforçando seu protagonismo. Os materiais criados foram sobre o galinheiro móvel, sistema agroflorestal (SAF), horta agroecológica, viveiro (produção de mudas) e bovinocultura - PRV.

## Resultados

Os vídeos produzidos tinham em seu princípio, na construção dos roteiros, a ideia de apresentar um passo a passo das experiências agroecológicas e suas tecnologias, que pudessem ser usadas em momentos de formação e que servissem para a multiplicação dessas práticas em diversos espaços. Porém, se transformaram em relatos de experiências, vídeos curtos, que dialogam desde alimentação saudável a manejo e bem estar animal. Trazemos dois exemplos, o primeiro é o vídeo



sobre “viveiro de mudas”<sup>2</sup>, com 1:24’ de duração, com mais de 1.100 visualizações na página da Escola Popular no *facebook*, que através do relato explica o que é e para que serve o viveiro de mudas, a importância do resgate do cultivo das plantas medicinais e os experimentos com enxertos para reprodução das mudas. O segundo se trata do “galinheiro móvel”<sup>3</sup>, com 1:31’, com mais de 1mil visualizações, onde se apresenta a experiência de integração do galinheiro móvel entre os SAFs, sua influência na recuperação e cuidado com o solo. E durante a edição manteve-se a proposta de apresentar as pessoas responsáveis pelas unidades produtivas da Escola Popular e sua relação com o trabalho e agroecologia.

Sua distribuição foi feita através das redes sociais (*facebook e youtube*) e grupos de *whatsapp* das agricultoras e agricultores dos assentamentos da região, atingindo um grande número de visualizações e interações, somando as visualizações dos vídeos desde sua publicação na página do facebook da Escola Popular são mais de 3.700 pessoas atingidas. Além do processo formativo as produções servem também para sistematizar e criar uma memória audiovisual das experiências agroecológicas. Quanto mais a comunicação criar/insere códigos presentes na realidade das assentadas e assentados, maior será o despertar das agricultoras e agricultores para a emergência da agroecologia como novo modo de relação entre os vivos e a terra. Existe um caminho a seguir, porém seu percurso deve ser sistematizado e organizado para que sirva de referência para o enfrentamento e construção de outras formas de viver, que respeite a natureza em todas as suas dimensões de vida na Terra.

## **Agradecimentos**

As trabalhadoras e trabalhadores que constroem a Escola Popular e sua luta pela agroecologia e ao Movimento dos Trabalhadores(as) Rurais Sem Terra (MST).

## **Referências bibliográficas**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Ago, 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios; 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

---

<sup>2</sup> Vídeo do facebook, Viveiro de Mudanças. Link: <https://www.facebook.com/epaaeb/videos/290683581639647/>

<sup>3</sup> Vídeo do facebook, Experiência do galinheiro móvel. Link: <https://www.facebook.com/epaaeb/videos/427877554621135/>

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte nos  
Sistemas Agroalimentares



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** – Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia:** processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

LEON, Daniel A. Comunicação e agroecologia: a experiência da Escola Popular de agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 11, No. 1, junho, 2016.

PENAFRIA, Manuela. Artigo Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). **VI Congresso SOPCOM**, Abr, 2009.